

# A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno. . . . . 45000 réis.

Numero pago á entrega. \$090

N.º 27 — VOL. III.

Sabbado 9 de Julho de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno. . . . 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . . 55000

## Historia da actualidade.

Foi notificado officialmente ao nosso governo pelo contra-almirante das forças navas francezas no Adriatico, Juriue de la Gravière, que a 18 de Maio do corrente anno começara o effectivo bloqueio do porto de Veneza, e suas entradas.

— O senhor Bento Luiz Ferreira Carmo, bem conhecido entre o corpo commercial da cidade do Porto, acaba de estabelecer uma fabrica de papel, na sua quinta de Ruens nos arrabaldes de Braga. O Cavado, que lhe corre proximo, torna a fabrica muito mais estimavel, por ter assim as necessarias proporções para ser montada mais convenientemente do que já está.

— Nas obras da barra da Figueira trabalharam no mez findo seiscentas setenta e duas pessoas; sendo operarios duzentos oitenta e um; trabalhadores trezentos e quarenta; e gente do mar cinquenta e uma.

— Entre os presos da cadeia de Lamego houve uma grande desordem, tentando evadir-se, maltrahendo o carcereiro, e chegando mesmo a desarmar a pequena guarda de infantaria 9, pelo que o regimento todo se poz em armas, conseguindo-se por fim restabelecer a ordem.

— Desde o 1.º do corrente mez principiou a funcionar a linha telegraphica do Porto, por Vianna e Valença á cidade de Tuy.

— O rendimento do telegrapho, na segunda quinzena de Junho foi, em Barcellos 85180 rs.; em Vianna 305700 rs.; em Caminha 305135 rs.; e em Valença 95735 rs. Total 785750 réis.

Falleceu em Guiné o nosso governador militar Honorio Pereira Barreto. Prestou grandes serviços ao paiz, sendo o seu bom nome muito conhecido em todo o interior e costa de Guiné.

— As noticias agricolas das provincias do

norte não são mui lisonjeiras, pois dão escassa a produção dos trigos; a do centeio por pouco mais de metade da do anno passado; os milhos ainda atrasados; boa a do azeite se vingar o que está nas arvores; arruinada a das batatas, pois se perderam na maxima parte; e a das vinhas com grande detrimento pelo desinvolvimento do oidium.

— O senhor Francisco José da Costa Lobo, caixa do ultimo contracto do tabaco, cedeu todo o subsidio que venceu este anno como deputado, em favor do estabelecimento da alimentação economica em Lisboa.

— Houve uma audiencia na Regoa, que se tornou notavel pelo incidente entre o advogado e o delegado. O primeiro saltou ao socco no segundo, e foi por isso enviado preso para Lamego.

— O senhor D. José Xavier Cerveira e Sousa, tomou posse do seu bispado de Vizeu por procuração.

— A camara municipal do Porto orçou para receita no anno economico de 1859-1860, réis 448:418:160, e para despesa 459:681:454 réis.

— A receita do hospital civil de Leiria, no anno de 1858-1859 proveniente de juros, foros, generos reduzidos a dinheiro, etc., foi de 5:388:537 réis, e a despesa orçou por 5:120:550 réis, restando em caixa para o anno seguinte 267:8967 rs. O numero de doentes tratados no mesmo periodo foi de mil quatrocentos oitenta e quatro.

— Findou n'este mez a publicação do *Leiriense*, jornal que contava cinco annos de existencia.

— Tambem o *Oriente de Traz-os-Montes* findou a sua existencia, mas foi substituido pelo *Economista*.

— Descobriu-se em Madrid uma fabrica de moeda falsa, em que se cunhava dinheiro portuguez.

— Augmenta extraordinariamente em Paris a subscrição em favor dos feridos de Italia.

— Em Genova ha grande quantidade de navios francezes de todas as lotações.

— Muitos soldados de artilharia de Bengala negaram-se a cumprir com o seu dever, e nos regimentos que guarnecem Gwalior, Allahabad, e Lahore houve principio de insubordinação.

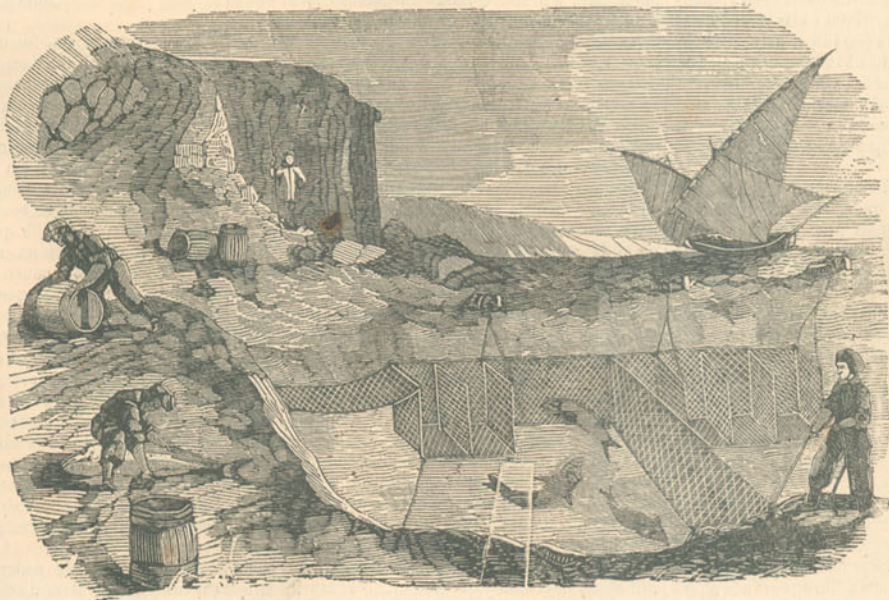
— Na capital do Nizam recia-se nova sublevação.

— Sua santidade, para agradecer ao coronel Schmit, que foi restabelecer a sua autoridade em Peruz, elevou-o ao posto de general de brigada.

— Dá-se como certo que o governo russo vai fundar no Libano, não longe de Berouth, um vasto estabelecimento de instrucção, destinado especialmente aos jovens das communhões grega não unida, e grega unida, que queiram entrar no sacerdocio.

— A Porta concedeu tambem aos russos o firman para edificar alguns estabelecimentos extramuros da cidade para oeste, no caminho para Jaffa, e muito proximo ás muralhas.

— As ultimas noticias da guerra são que se tratou uma suspensão



Armações para a pesca do atum na costa da Sardenha.

d'armas entre as forças belligerantes. Para este fim reuniram-se em Villa Franca os generaes Vaillant e Hess, que regularam as condições do armistício.

— A Austria redobra de esforços, para no caso da guerra continuar, inclinar em seu favor a Alemanha.

— Desembarcaram em Lussin Giolo, no Adriatico, antes do armistício dez mil francezes.

— Na França continuam os aprestamentos para enviar novas tropas á Italia, se a suspensão d'armas não trazer consigo a paz.

#### Armações para a pesca do atum na costa da sardenha.

O atum (*scomber thynnus* L.) é um dos mais afamados peixes do Mediterraneo; e o seu comprimento excede muitas vezes a dois metros. A sua configuração geral é redonda, espessa, indo adelgacando para a cauda; e tem a pelle coberta de escamas pequeninas. A cabeça termina em ponta; a guella é grande, e negra no interior, excepto na extremidade do paladar, onde é encarnada. Tem os olhos grandes, e o iris com um brilho argentado. O lombo é de cor escura, assim azulada ou esverdeada, segundo o angulo sob que está ferido pelos raios luminosos; o ventre e a parte inferior dos flancos são prateados. As barbatanas dorsaes tem ás vezes uma tinteira amarella ou encarnada; as peitoraes são delgadas, terminando em ponta, e de cor negra; as abdominaes também são negras. Finalmente a barbatana caudal é enchanfrada em forma de meia lua, e acompanhada de excrescencias naturaes que dão a configuração quadrada a esta parte do corpo.

Não são raros nas costas da Sardenha atuns do peso de quinhentos kilogrammas. Em a nossa costa, e nas de França não apparecem tamanhos. Cuvier, na sua descripção, falla de um individuo que tinha quasi um metro.

O Mediterraneo é mais abundante de que o Oceano. Em certas epochas aproxima-se á costa em cardumes espessos, e dá lugar a pescas importantissimas. Ordinariamente a sua chegada é annunciada pela da sardinha que lhe vem fugindo. O gollinho também persegue o atum, e obriga-o a cair nas armações, e por isso os pescadores estimam este cetaceo como a um fiel amigo. Já não succede o mesmo com o peixe espadao, que acompanha algumas vezes o atum, mas causa grande prejuizo rompendo as redes, e abrindo assim passagem por onde os outros peixes também se escapam.

Acreditou-se por longo periodo que o atum apparecia no Mediterraneo sómente de passagem; e Mr. de Gregory foi um que assim o escreveu apoiando-se em noticias dos maritimos: «Os atuns, disse elle, depois de terem atravessado o estreito de Gibraltar, dividem-se em dois bandos; um dirige-se para a Africa, e o outro nada para a esquerda, costeando a Europa: seguem a mesma direcção até á ponta de Byzancio, a que Plinio chama *Corno de ouro*, e no outono espalham-se pelo mar Negro e mar d'Azoff.

Aristoteles e Strabão dizem que o atum só anda n'estes dois mares, nos quaes entra costeando o lado oriental, e volta depois pelo opposto. Plinio dá a este facto uma extravagante applicação: diz que este peixe vê melhor do olho direito que do esquerdo.

Segundo, porém, as observações judiciosas de Mr. Milne Edwards, parece que o atum não faz viagem tão aturada; e que nascido mesmo no mar Mediterraneo, passa parte do anno no profundo d'estas aguas, e em determinadas estações aproxima-se então da terra, e a costea.

Este peixe foi antigamente um excellentes ramo de commercio em o nosso Algarve, sendo abundantissimo nas suas costas. Até chegámos a ter companhia para a sua pesca com os respectivos regimentos e compromissos: hoje é nulla a sua pesca n'esta paragem. Mr. de Gregory explica a desappareição do atum aqui pelo tremor de terra de 1735, que empurrando da Africa para a Europa grande quantidade de areias, elevou consideravelmente o fundo dos mares de Hespanha, e portanto fez impos-

sivel ali a vivenda a este peixe, que habita a trinta e quarenta metros de profundidade.

Pretendem alguns autores que o atum se nutra de plantas maritimas; e que será difficil de crer attendendo-se á voracidade com que elle se lança sobre as materias animaes, pois de certo será para comer as que os marinheiros lançam fora, que este peixe segue os navios por grandes distancias—às vezes por centenas de leguas. Nada com grande ligeireza ininterrompidamente, o que deve com toda a certeza á força da cauda, pois quando açoita com ella as ondas, ouve-se o ruído a grande distancia. O animal tem n'este orgão uma poderosa arma, e excellentes meio de defesa; e contudo parece tão tímido que a mais pequena bulha o põe em fuga! Esta a razão porque para o fazer cair na armação muitas vezes se emprega o som da buzina. Viaja sempre em cardume, e com ordem muito regular.

«Em muitas localidades, diz Mr. Milne Edwards, os bancos de atuns apparecem na primavera, e dirigem-se todos para o oriente, e nos fins do estio ou outono seguem direcção opposta. Por isto em Ciotat faz-se a primeira pesca á chegada, desde Março até Julho; e a segunda pesca á volta, que é desde meado de Julho até fins de Outubro: n'outras porém chegam os bancos simultaneamente seguindo varias direcções, e é só no inverno que apparecem. Em Cassis, por exemplo, a pesca principia em Novembro, e continua até fim de Dezembro.

A pesca d'este peixe remonta á mais alta antiguidade. Em Byzancio e nas costas de Hespanha era um ramo de grande commercio. Nas medalhas byzantinas, italianas e hespanholas estava figurado este peixe. Os gregos, que tudo dedicavam, tinham-no consagrado a Diana. Sua carne era de subido apreço; e em Carthago era do estylo um pratinho de atum nos banquetes nupciaes. Galieno diz ser coisa primorosa o atum salgado da Sardenha. O poema de Oppiano, sobre a pesca d'este peixe, foi magnificamente recompensado pelo imperador Caracalla.

Esta industria perdeu muito da sua importancia no seculo xv, mas ganhou a sua actividade no seculo xvii. Hoje, sem ter diminuido de producto quasi que está concentrada no Mediterraneo. E' na Catalunha, na Provença, nas costas de Genova, Sardenha, e Sicilia, que existe mais activa, e produz mais abundantes resultados.

Um dos meios de pescar o atum consiste em collocar-se um pescador de atalaia, em logar elevado, e apenas vê aproximarem-se os bancos, dá um signal indicando a chegada e direcção que seguem. Então os pescadores embarcam sob a ordem d'um mestre; e chegados ao sitio conveniente, collocam-se os barcos em semicirculo, lançam as redes, e formam um recinto que a pouco e pouco se vae apertando, de sorte que vão assim empurrando o peixe para a praia. Quando chegam ao local onde a agua não tenha mais do que duas a tres braças, deita-se a ultima rede, que é de grandes dimensões, e tem o fundo prolongado em cone: puxa-se para terra e apanham-se os atuns, agarrando os pequenos á mão, e matando os maiores com croques. Muitas vezes tal modo de pescar produz tres mil quintaes de peixe.

A *tonara*, como lhe chamam os italianos, ou *madraga*, ou armação propriamente dita, é um apparelho muito mais complicado, e assim o mostra a nossa estampa. E' um grande edificio, lançado no meio da agua, e pelo qual o peixe vae passando até chegar á costa. Está muito em uso na Sardenha, Sicilia, e Provença.

Todo o mez de Abril se emprega nos necessarios preparativos para formar e architectar todas estas redes. Em 3 de Maio traça-se a *madraga* na agua por meio de duas cordas parallelas, que representam as duas partes principaes. No dia seguinte immergem-se as redes, cujo recinto fica dividido em varios repartimentos, representados no desenho, e as paredes d'estes repartimentos são feitas com juncos, excepto a ultima, ou a *camara da morte*, que é formada por uma rede de fio de canhamo, de malha solida e estreita, sustentada por duplas e grossas cordas. Ha além d'isto outra rede que corre desde a armação até á terra, e tem de ordinario quatrocentos metros de comprimento: serve para conduzir ao apparelho o peixe que passa entre este e a costa.

Todas estas redes da armação assentam no fundo do mar por grandes pesos de lastro de pedras, e são sustentados verticalmente por via de muitas esteiras que tem cada uma um pé em quadrado. As paredes ou tabiques ficam firmes por meio de cordas do extremo d'essa parede áquella que sustenta a cabeça das redes. A armação fica assim tão firme que resiste á impetuosidade dos ventos, ás correntes do mar, e aos esforços dos atuns grandes que n'ella caem.

Os atuns que seguem sempre a costa, passam entre ella e a armação; e chegando ao extremo d'esta, encontram a parede que lhes cerra o caminho, e os força a entrarem n'uma grande camara sempre aberta. Apenas n'esta empregam-se varios meios para os obrigar a passarem aos outros compartimentos, até ao ultimo—á *camara da morte*, onde uma rede, estendida horizontalmente a cem pés de profundidade, forma como o pavimento. O mestre da armação dá então o signal da pesca.

Começa-se levantando do fundo do mar a rede horizontal que tem encerrado os peixes por todos os lados, e que por causa do seu peso sobe lentamente, mas por fim chega quasi á superficie, e então principiam a apparecer os atuns, primeiro isoladamente, depois em massa. Os pescadores armados de croques, dão-lhes combate, e dentro em pouco o mar fica rubro de sangue. Os atuns, debaten-do-se contra a arma assassina, ferem a agua com as largas caudas, e fazem-na saltar por todos os lados com grande estrepito, ao qual se misturam os gritos dos pescadores, e as acclamações dos numerosos espectadores que concorrem a presenciar esta lucta gigantesca. Os peixes saltam muito alto para se escaparem das redes, e vem ás vezes cair vivos nos barcos. O numero dos atuns vae crescendo á proporção que a rede se eleva, e o combate termina por uma verdadeira carniceria. Finalmente morto todo o peixe é puxado pelos arpões para dentro das barcas.

Muitos bateis rebocam as duas barcas grandes que carregam o peixe até á praia. Existem ali grandes telheiros. Na praia corta-se a cabeça ao peixe, e depois um homem só o leva ás costas para os telheiros, onde o suspendem pela cauda. Ali é cortado em pedaços para preparar o que se chama *atum mariné*; e estes pedaços recebem varias salgas ou es-cabeches. As ovas são salgadas á parte. As cabeças e as espinhas lançam-se em caldeiras, e ali se lhes extrahе o azeite. Finalmente, para nada se perder, ainda as espinhas servem depois de combustivel.

#### Esboço sobre a litteratura ingleza.

Continuação. \*

JOHN LILY.

Como romancista, foi o primeiro que obteve a estima publica. Nasceu em Weald de Kent em 1534; estudou em 1571 no collegio de Magdalen, Oxford, tomando successivamente os varios graus. Parece que morrera em 1601.

Não podemos demorar-nos na analyse do romance *Euphues*; diremos em breves palavras o que d'elle julgamos. Esta composição de Lily não tem merito para se elevar ao grau de admiração a que chegou. Não é tão bella que merecesse os applausos que lhe tributaram, nem o *furor* que produziu. E' producção pouco regular; mas o motivo que lhe obteve a fama, que n'aquelle tempo gozou, é sufficiente desculpa para se passar ao de leve pelos erros que se lhe notam. Attendendo ao estado da litteratura de então, em que poucos ou nenhuns romances haviam apparecido, e sendo este o primeiro que mais propendia para o gosto moderno, e creava por assim dizer uma escola nova, enthusiasmos os espiritos a tal ponto que teve muita voga. Discutia-se-lhe o merito nos saras do paço; eram accusados de ignorantes os que o não tinham lido; emfim considerava-se a sua leitura como um accessorio indispensavel para ter entrada na boa sociedade.

A proposito, não podemos esquivar-nos a lançar um rapido volver d'olhos sobre a actual litteratura ingleza.

(.) Do num 21

Nunca a litteratura ingleza possuiu mais obras do que presentemente. Que infinito numero de litteratos! Consagrou o *progresso* esse nome tanto a um folhetinhista como a um erudito e sabio historiador. E' um cahos em que todos tomam parte; em que uma força mysteriosa os conduz ao mesmo fim — dinheiro ou celebridade.

Nas epochas que vão correndo o imitador de um *vaudeville* ufana-se da sua produção: não é como nos bons tempos passados em que o anonymo accultava nomes de sabios. Não havia essa mania de escrever, hoje quasi uma necessidade da vida. E' uma impetuosa corrida que a todos mais ou menos envolve. São ondas de papel que a imprensa diariamente arremeça sobre o publico. D'esta multidão de publicistas, porém, separaremos duas classes que encham de volumes as prateleiras das livrarias dos incautos lords.

A primeira são aquelles que alcançam pela falla o que não podem obter pela penna — a protecção dos *fidalgotes*. Estes, elevados das fabricas pelo assiduo trabalho d'algum dos seus antepassados, querem brilhar entre a aristocracia illustrada, lisonjeando aos litteratos d'esta classe o talento que nunca possuiram, o que é retribuido com um *aranzel* em jornal que ninguém lê. Estes escriptores formam, felizmente, a menor porção dos litteratos inglezes.

A outra classe brilha como os principaes planetas entre os satellites que os rodeiam. Alguns, já no occaso, ainda espargem raios de luz. E' o resultado do verdadeiro talento.

Durante os primeiros tempos Lyly trabalhou com affinco; moço e ambicioso, queria renome e gloria; mas a sua estrella annuviava-se, e elle chegou quasi a perder as esperanças. De repente, essa estrella meio sumida, brilhou de novo, e decorridos tres annos, operou-se como na chysalida uma metamorphose completa. Outr'ora repoisando a cabeça febril sobre dura enxerga; agora envolto em sedas recosta-se em macios coxins. O publico gostou dos seus escriptos, apreciou-lhe o talento. A primeira obra publicada, a instancias do poeta, que com incerteza olhava para o futuro, deu lucro ao editor; e este, em lugar de ser rogado, pede ao favorito do mundo litterario que se digne honrar-lhe a imprensa com os seus seguintes romances! Ainda hontem dependente, hoje tyranno dos seus dependentes!

N'aquelles tempos, porém, não se escreviam obras com a brevidade com que se produzem no tempo presente; e a este respeito poderíamos adduzir muitas considerações sob a fecundidade de alguns escriptores modernos; mas o que dissessemos não seria novidade para os leitores, que sabem que um nome conhecido, estampado á frente d'um livro o faz acreditar como filho legitimo d'aquelle que só é pae putativo.

Até 1589 escreveu Lyly seis peças para se representarem na corte, adicionando-lhe pouco depois mais tres. Sete são escriptas em prosa, uma em verso rimado, e outra em verso solto; a saber:

Alexandre e Campaspe—Sapho e Phaon—Galathea — Midas— Mother Bombie (Mãe Bombie)— Endymion — Woman in the Moon (a Mulher na lua) — Love's Metamorphosis (As Metamorphoses do Amor).

Continua.

F. E. PAYANT.

S. João d'Acre.

Esta cidade da Palestina, celebre no tempo das cruzadas, e outr'ora conhecida pelos nomes de *Ptolemaida*, e de *Colonia Claudia*, está edificada sobre uma lingua de terra, que se projecta no Mediterraneo, em forma de meia lua. Pelo norte, oeste e sul banha-a o mar, que assim lhe serve de natural defesa. O lado d'este é pois o seu ponto fraco e vulneravel. Foi por conseguinte por esta parte que começaram a fortificar-a.

Tantas vezes foi a cidade tomada, e reconquistada, e as suas muralhas destruidas e reedificadas, que em 1750 deu-se principio a um systema mais completo de fortificações. Apesar de que as novas obras de defesa eram de pouca importancia, comparadas com as modernas fortificações europeas, todavia adquiriram grande celebridade pela resistencia, que ofe-

recerem ás armas victoriosas da França em 1798, fazendo ali marchar os loiros do heroe das pyramides, do vencedor d'Aboukir.

Entretanto este triumpho não se pode attribuir ás obras d'arte. Pertence todo á coragem e habilidade de dois homens, que commandavam na praça, auxiliados poderosamente pela posição natural da cidade. Esses dois homens eram lord Sidney Smith, e o engenheiro francez Phelipeaux, que tinha sido companheiro d'armas de Napoleão, e que depois se tornara seu rival.

Porém o que não pôde alcançar o grande capitão dos tempos modernos, conseguiu-o passados annos um exercito de arabes.

Na lucta travada em 1832 entre Mehemet-Ali, bachá do Egypto, e o sultão Mahamoud II, Ibrahim Pachá, filho de Mehemet, veio com um exercito egypcio pôr cerco a S. João d'Acre, e ao cabo de um assedio de nove mezes caiu a praça em seu poder. A guarnição turca, que apenas contava tres mil homens, defendeu-se valorosamente até á ultima extremidade, repellindo o inimigo em muitos assaltos sem embargo do seu numero se elevar a trinta mil homens.

Por esta occasião padeceram muita ruina as muralhas da praça, a mesquita principal, o palacio de Djezzar, e outros sumptuosos edificios, que a cidade vira erguer em menos de um seculo, quasi todos obra do bachá Djezzar, que durante o seu governo mandou vir para esse fim de diversos paizes da Europa engenheiros e architectos habéis.

Antes d'esta guerra continha S. João d'Acre uma população de vinte mil almas. Alguns annos depois estava reduzida a umas mil e quinhentas! Hoje tem augmentado este numero, e a cidade tem-se levantado um pouco das suas ruinas. Encerra grandes bazares, e magnificos edificios de banhos publicos.

Depois de 1840 esta cidade, e toda a Syria foram novamente incorporadas no imperio ottomano.

Nas visinhanças de S. João d'Acre levanta-se o monte Carmello, celebre na historia sagrada, e tambem nos tempos actuaes pelo seu famoso mosteiro.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A ilha de Phile.

No meio do rio Nilo, no alto Egypto, ha uma ilha outr'ora chamada Phile, e ao presente *Djezret-el-Heif*. Apenas tem quatrocentos passos de comprimento, e trezentos de largura.

Porém assim pequena como é, foi celebre na antiguidade pelos sumptuosos templos, que ali levantaram os Pharaós. E ainda hoje é visitada com interesse pelos viajantes, que ficam elevados ao contemplar as suas belezas naturaes, e absortos ao aspecto grandioso d'aquelles edificios arruinados, um dos quaes a estampa junta representa.

O solo da ilha é muito accidentado. Ora se ergue, coroado de rochedos de granito; ora se abaixa, sombreado por formosos arbustos, e tapetado de mimosas plantas. Esbeltas palmeiras, espalhadas aqui e ali, ou juntas, e como abraçadas, em pittorescos grupos, formam um docel de verdura a esses venerandos monumentos de uma antiguidade tão remota, e de uma civilisação a tantos respeitos admiravel.

Talvez não haja em parte alguma do mundo, accumulados em um espaço tão circumscripto, tantas curiosidades naturaes, e tantas reliquias de esplendidos monumentos.

E a pouca distancia d'esta ilha meia agreste, meia jardim, mas bella mesmo nas suas escabrosidades; a pouca distancia, dizemos, d'este verdadeiro museu d'artes e de historia, d'esta galeria natural de quadros pittorescos, estende o deserto, como para contraste, seus estereis areaes, areaes sem fim!

D'entre as aguas do Nilo surge uma copia do paraizo terrestre; uma imagem risonha da vida; um especimen dos beneficios do ceo; um nobre titulo do poder do homem; e a chronica de granito de um grande povo, que depois de resplandecer sobre a terra, foi sumir-se no sepulchro das nações!

Além das margens do rio avulta um quadro, que assimilha o inferno nos ardores de um sol sem nuvens, e no reverbero de um solo abrasado; um re-

trato medonho da morte n'aquellas ondas d'arça movediça; um castigo da ira de Deus n'aquella horrivel esterilidade; um vasto theatro da impotencia do homem; o simun, ou cansim, essa voz pavorosa do deserto, acclamando por centenares de leguas o nada das grandezas humanas!

I. DE VILHENA BARBOSA.

Van-Dick.

Este nome é bastante para despertar o desejo de ler as seguintes paginas! Van-Dick, o discipulo querido e distincto do famoso Pedro Paulo Rubens!... Outro nome, porém, vamos inscrever, que não hade merecer aos leitores menor attenção — Mery! O poeta descrevendo o amor do artista: um grande e nobre coração que procura interpretar as commoções d'outro não menos nobre e grande! eis o sentido do seguinte romance.

I

Accordara sorrindo, aos primeiros raios do sol dos seus melhores dias, a cidade de Genova para assistir ao casamento do conde Brignole.

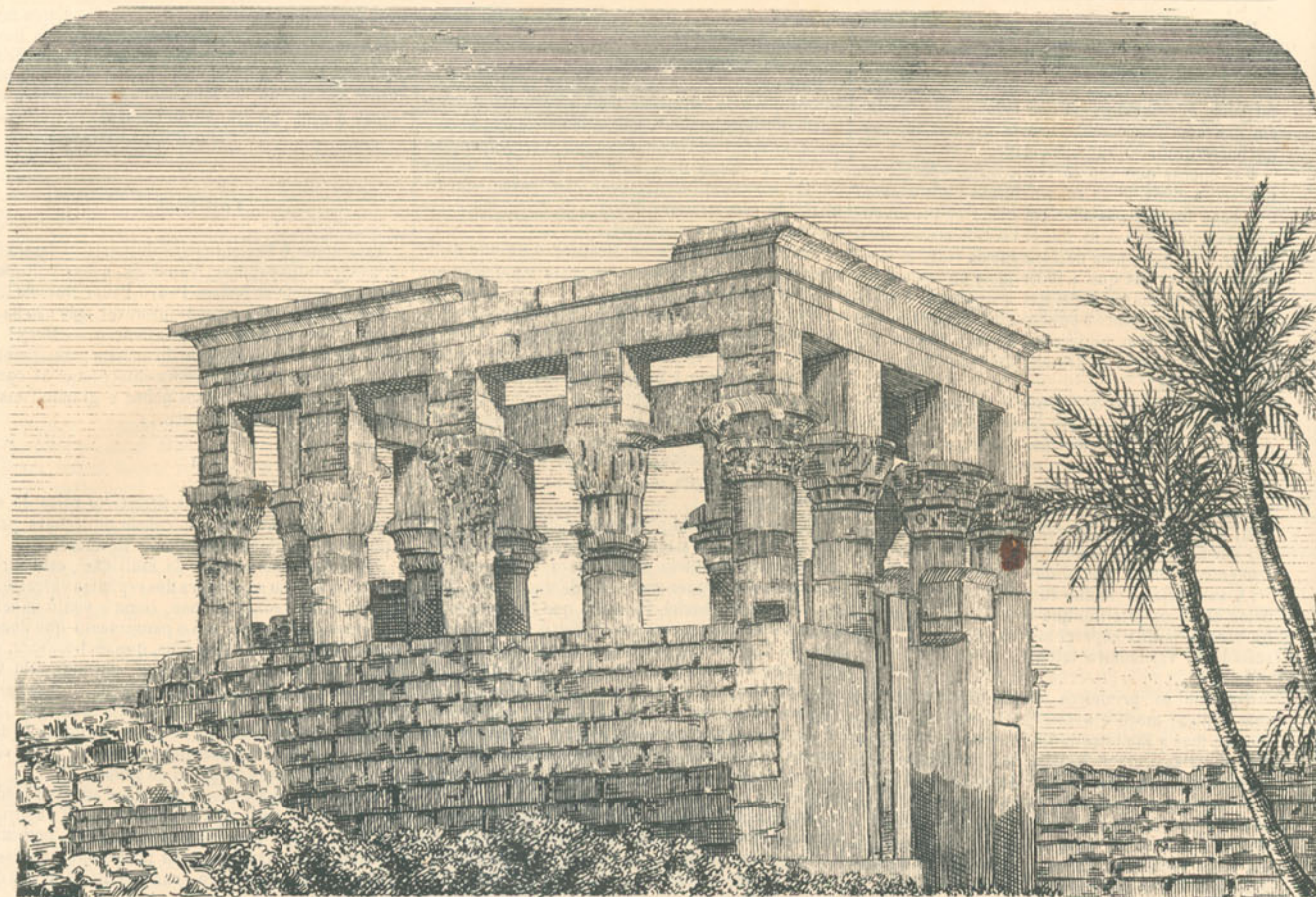
Ver! esse desejo vago da multidão; esse furor inexplicavel que se apodera dos espiritos vulgares, e arrasta massas sobre massas, como o vento impelle nuvens sobre nuvens, era o pensamento que dominava n'aquelle dia os cidadãos, que se chocavam, pisavam, altercavam, e discutiam, correndo pela via *San-Luca*, e precipitando-se depois ruidosamente na cathedral *San-Lorenzo*, magnificencia gothica, sobre a qual o olhar do viajante pergunta aquelles primores de marmore branco e preto, se na verdade foram filhos do genio do homem!?

A fama d'uma belleza da epocha atrahia todos ali. Nunca artista algum sonhara mais lustrosos cabellos negros sobre fronte mais pura, nem mais aprimorada incarnação, nem mais suave expressão d'olhos que os da futura condessa Brignole aos deztoit annos.

Na famosa epocha em que a cidade de Genova offerecia tão bons modelos aos seus artistas, outro melhor não fóra visto nem ambicionado até este momento! O artista que tivesse dado ao marmore simillhantes formas, ou atirado á tela aquella angelica expressão, teria com certeza feito a sua fortuna!... se ha fortuna possivel para um artista!

O conde Brignole, aparentado com os Durazzo e os Doria-Tursi, tinha mandado construir na *Strada Balbi* um palacio digno da mulher que ia possuir: era na arte outra maravilha não somenos! uma das que immortalisaram o nome do architecto Tagliarico, e pelas quaes foi dado aquella cidade o titulo de magnifica! Já os ricos mosaicos das obras inferiores do edificio encantavam a vista; ao subir as escadas não menos tinha o viajante que admirar no arrojto com que se lhe apresentavam as combinações dos marmores variegados; que seria lá n'essas sumptuosas salas onde a vaidade e a riqueza de tão orgulhosas raças deviam ser representadas!?

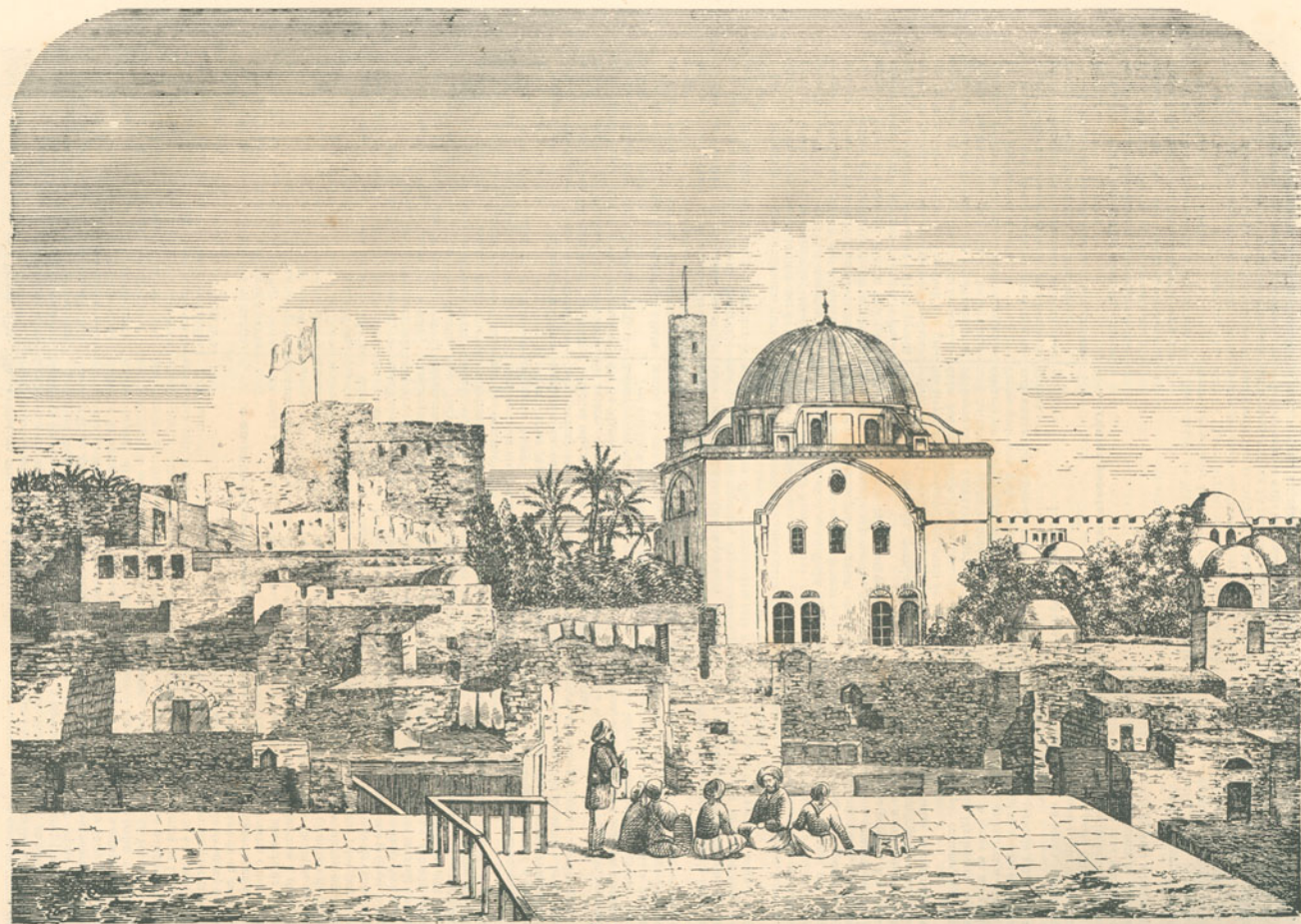
No interior da igreja, milhares de luzes, reflectindo sobre os riquissimos tecidos d'oiro e prata que d'alto a baixo pendiam de todos os lados, apresentavam, de accordo com as flores, e as muieheres que adornavam as galerias, deslumbrante espectáculo que contrastava, de singular maneira, com a humidade evangelica do Crucificado, representado em marfim sobre uma cruz d'ebano, no topo do edificio. Toda a nobreza de Genova corraera dos seus palacios de marmore ao santuario: a classe media occupava as naves lateraes: e o povo invadia com avidez os estreitos espaços que o orgulho de uns, e as pretensões de outros lhe deixaram de sobejo, na casa onde a bondade de Deus não conhece distincções além das que a virtude haja estabelecido entre os homens. E ninguém ali tinha ido para rezar; mas para admirar a rainha da festa que era a condessa de Brignole. Difficil seria vê-la, ajoelhada diante do altar-mór, entre nuvens d'incenso, e flores; quando ella, porém, se levantava, e, deitando para traz o veio, voltava por momentos o rosto seductor para o corpo da igreja, um profundo murmurio de admiração ia juntar-se ás notas compassadas dos canticos gregorianos; e ficava-se em duvida se todo aquelle povo dirigia um



Templo arruinado na Ilha de Philæ no Egypto.



Amphitheatro de Nîmes.



S. João d' Acre.

hymno de graças á condessa ou á Virgem d'Assumpção.

O dia 13 d'Agosto fóra o escolhido para o casamento; e a cerimonia nupcial estava assim confundida com a cerimonia religiosa, de modo que parecia não se celebrar ali mais que um só festejo.

Todos os nobres, que n'aquelle momento se achavam reunidos, eram parentes em grau mais ou menos proximo das duas casas, que em breve iam travar alliança. A nobreza de Genova raras vezes consentia em alliar-se a estranhos; e por isso, na occasião de perigo, as bandeiras eram com enthusiasmo cercadas de uma brilhante e compacta seara de boas espadas, entre as quaes a causa era verdadeiramente commum: d'esta união tirava Genova a sua força.

No meio de todo aquelle brilhante espectáculo, via-se um homem ainda moço, encostado á teia da capella-mór, que, pela expressão do olhar e abandonando sublime da posição, attrahia a attenção geral. Tanto a sua physionomia e o seu modo, como o vestuario, denunciavam que era estrangeiro. Estava vestido de seda e veludo preto; mas o fato parecia ter sido cortado a capricho pelos moldes d'uma phantasia cheia de graça: tinha o rosto pallido, e o olhar triste. O bigode, retorcido naturalmente nos extremos, mal lhe cobria o labio inferior, rosado e breve, cuja belleza era augmentada pela pera ondulante e pontaguda caindo até ao peito.

Estava em pé, completamente extático: parecia que o espirito, attrahido a algum ponto distante, lhe deixara ali o corpo junto da columna de marmore negro a que estava encostado, semelhante ao primor de algum pincel illustre que tivesse caído do seu quadro, no meio d'aquelle outro quadro vivo de maravilhas. Este homem era o pintor hollandez Antonio Van-Dick.

Porque motivo estaria ali o discípulo mais querido do grande Rubens? Quem tiver visitado a cidade de Genova nunca fará semelhante pergunta. Entre-se, seja em que palacio fór da *Strada Balbi*, ou da *Strada Nuova*, que lá se verá alguma d'essas obras de Van-Dick, que a Inglaterra pagaria a peso de libras esterlinas!

Qualquer d'aquelles bellos quadros faria a fortuna do seu possuidor; mas em vão tentaria o estrangeiro comprar ao mais pobre dos fidalgos de Genova algum d'esses bellos retratos de familia pintados por Van-Dick: tal era o amor que em Genova inspirava a um nobre o retrato de um antepassado, e o respeito que se votava a uma obra de Van-Dick!

Em pé, encostado a uma das columnas que sustentavam o rico entablamento do altar-mór de San-Lorenzo, entregue a viva commoção, ter-se-hia pensado que Van-Dick era n'esse momento indifferente a quanto ao redor d'elle se passava. Só pareceu animar-se no momento em que as bandeiras e os guións das confrarias desceram para as naves da igreja, e a imagem de prata da Virgem, conduzida por quatro marinheiros da galera *Doria*, principiou a mover-se por cima de toda aquella nuvem de cabeças, ao som compassado dos cantos sagrados. Mas o olhar de Van-Dick não procurou entre aquelle magnifico cortejo senão a formosa condessa de Brignole, que seguia o andor da Virgem, acompanhada pelo conde, em cuja physionomia, desprovida do reflexo intellectual, raiava apenas o orgulho e a soberba.

Quando o conde passava ufano, com a mão esquerda sobre os copos da espada, pela frente do pintor hollandez, este, aproximando os labios ao ouvido do conde Pallavicini, murmurou:

— *A minha vida por um quarto de hora da d'este homem!*

Ninguém ouviu semelhantes palavras, ditas ao ouvido de um amigo. Encheu as abobadas do templo um energico *salvè regina*, pronunciado com enthusiasmo pelo povo, que parecia devorar com a vista a linda condessa de Brignole todas as vezes que ella estendia a delicada mão para lançar uma esmola em cada caixa do templo.

Como que attrahido por força magnetica, Van-Dick seguiu machinalmente a procissão. Era ao pôr do sol. Apenas a imagem de Nossa Senhora saiu o portico da igreja, o repique dos sinos, o estroendo da artilharia, as nuvens de incenso, as flores que caíam das janellas, os gritos da multi-

ção, as musicas marciaes, as bandeiras soltas ao vento, tudo parecia saudar com enthusiasmo as duas virgens triumphantes, em redor das quaes as confrarias entoavam em côro a *Ave maris stella*.

As lagrimas borbulhavam nos olhos de Van-Dick. O palacio Doria abriu as portas para receber o cortejo. A voz austera das confrarias ressoou pelas abobadas de marmore das galerias que as aguas vinham banhar. O hymno virginal foi repetido a bordo de todos os navios. Parecia que tanto o ceo como a terra e o mar saudavam em côro a joven esposa, que brilhava qual astro resplandecente no sumptuoso palacio Doria.

Continua.

#### O amphitheatro de Nismes.

De todas as cidades de França a mais rica em monumentos da antiguidade é Nismes. Os imperadores romanos Tiberio, Trajano, Adriano, Antonino, e Diocleciano adornaram-a á porfia com tão esplendidos edificios, que esta cidade chegou a ser chamada a segunda Roma.

Uma invasão dos barbaes do norte assolou Nismes no anno de 407, deixando-a roubada e em ruínas. Foi este o seu primeiro desastre, do qual ainda pôde com o tempo restabelecer-se. Porém sobrevieram-lhe outros, que lhe fizeram perder inteiramente aquella brilhante e preciosa situação. Todavia alguns dos seus mais grandiosos monumentos, mau grado das assolações dos homens, no terrivel embate de tão prolixas guerras, e apesar das devastações do tempo, não correr de tantos seculos, ainda ali fallam da passada grandeza da cidade de Nismes.

Um d'esses padrões da dominação romana é o amphitheatro, ou circo. Está situado ao sul da cidade, proximo da sua antiga cêrca de muros.

Não se sabe ao certo a epoca da sua construção. Os autores, que teem escripto sobre as antiguidades de Nismes, variam de opinião acerca do fundador.

Tem este circo, como todos os amphitheatros, romanos, a forma elliptica, com cento e trinta e tres metros de comprimento, e cento e um de largura. Exteriormente compõe-se o edificio de duas ordens de arcadas; a terrea ornada de pilastras, e a superior de columnas. Quatro portieos, collocados nos quatro pontos oppostos, davam entrada para o interior do circo. Dois communicavam para o *podium*, a que nós chamamos trincheiras, e os outros para a arena dos combates. Este circo accommodava vinte mil espectadores.

Como a cidade de Nismes ficava muito afastada do centro do imperio, era difficil e mui despendiosa a conducção dos animaes ferozes d'Africa e d'Asia. Portanto não podendo gosar, senão raras vezes, d'este genero de espectáculo, que fazia as delicias de Roma, substituiu-o como combates de toiros e javalis.

O circo de Nismes podia, quando assim o desejavam, ser transformado em naumachia. Para esse fim havia um aqueducto, que trazia de fora da cidade boa quantidade d'agua, com que se enchia em breve espaço a arena do amphitheatro, que era mais baixa que a primeira ordem de arcadas e necessario para conter uma porção d'agua em que os barcos podessem nadar. N'estes exercicios entravam umas embarcações de remo, a que chamavam galeras.

I. DE VILHENA BARBOSA.

#### Contos populares da Irlanda.

II

AS AGUAS NEGRAS.

No condado de Waterford corre o mais pittoresco e encantador de todos os rios da Irlanda. *Blackwater* (Agua Negra) é o seu nome, provavelmente por causa dos frondosos arvoredos, que asombrando-lhe as margens, veem estampar suas verde-negras copas na corrente cristalina.

Todo o extenso valle de Blackwater offerece aos olhos do viajante variadas perspectivas, qual mais

amena e formosa. Lindas casas de campo espalhadas aqui e ali; alguns castellos gothicos campeando sobre throno de rochas, ou meio escondidos entre a espessura dos bosques; prados bem cultivados; arvoredos seculares; e depois o rio das Aguas Negras, ora espreguçando-se sobre alcantifas de relva, ora correndo apertado entre penedos musgosos; eis o que de espaço a espaço se encontra em todo o curso do rio, que emfim vae perder o seu nome e cabedal na bahia do Yougall.

A pequena distancia do palacio acastellado de Lismore, celebre nas guerras da Irlanda do seculo XVII, e hoje propriedade do duque de Devonshire, ha um sitio em que bosques mais densos e penhas mais sombrias dão ás aguas d'aquelle rio o aspecto lugubre, que tão bem se casa com o seu nome. Quando o sol ao erguer-se no horizonte, ou descendo no seu occaso, penetra obliquamente por baixo d'aquelle immensa abobada de verdura, fazendo brilhar com mil luzeiros a onda fugitiva, aquelle sitio é tão cheio de encantos, que mais bello o não poderia crear a phantasia do poeta, ou o pincel do pintor. Mas se o sol vae em meio da sua carreira, não tendo os seus raios poder bastante para atravessar a espessura de tão emmaranhada folhagem, a escuridão, que esta projecta, o fragor das aguas, que se quebram contra as rochas, e a branca espuma, parecendo ainda mais alva pelas negruras do quadro, referendo e subindo em vapores, imprimem em todos os objectos uma côr melancolica e um certo ar mysterioso, que confregem a alma, enchendo-se de sentimentos religiosos, ou de ideas de superstição. De noite é um lugar pavoroso.

Entretanto, seja de dia ou de noite, nenhum camponez das visinhanças se atreve a passar sózinho por semelhante sitio, e mesmo acompanhado o não fará sem ir munido de alguma benta reliquia, e sem se encomendar com muita devoção a S. Patricio.

Ao viajante, que lhe perguntar a causa dos seus receios, contar-lhe-ha a seguinte historia.

Em tempos muito antigos, quando na Irlanda não havia maior nobreza do que a de bem saber agricultar a terra, vivia não longe d'aqui um rico lavrador, senhor de todos estes terrenos em derredor.

Tinha um filho unico, chamado Hanz, moço de vinte e annos; esbelto e robusto; dotado de um bom coração; e com rosto expressivo e alegre; alvo, loiro, e de olhos azues, como a maior parte dos filhos da Irlanda.

Hanz era estimado de todos os visinhos sem excepção de idade. Os mancebos encontravam sempre n'elle um companheiro fiel na amizade, jovial nos brinquedos, e corajoso nos perigos. Os velhos não se fartavam de o apontar á juventude como um modelo de amor filial, e como um exemplar de prudencia e bom comportamento. Hanz fazia as delicias da casa paterna. Em todos os trabalhos da lavoura era o braço direito de seu pae, que n'elle se revia com orgulho e indizível prazer, como depositario de todas as esperanças e consolações da sua velhice.

Tinha este joven por costume, durante o estio, ir banhar-se no rio de Blackwater, e como escolhesse para esse fim as horas de mais calor, preferia sempre o sitio mais fresco e bem asombrado d'arvoredo. Por conseguinte o seu banho predilecto era n'aquelle parte do rio, onde as aguas mais negras pareciam.

N'um dia, ao sair do banho, sentiu repentinamente um estremecimento interior, e depois uma certa agitação que não podia definir, mas que lhe turbava e fatigava o espirito de um modo estranho. Tornaram-se confusos os seus pensamentos, e baltharam-se-lhe completamente as ideas. Pareceu-lhe ter tido um sonho durante o tempo que estivera no banho.

No dia seguinte, ainda preocupado com o que lhe succedera na vespera, voltou ás margens do rio um pouco mais cedo que do costume, levado de um vago desejo de descobrir o mysterio, que tanto o impressionara no dia antecedente.

Entrou pois no rio com certa anciedade. Nadou em diversas direcções; mergulhou-se mais vezes do que tinha por uso, mas não sentiu coisa alguma, que lhe annunciasse a repetição das sensações

da vespera. Porém quando ia sair para terra, viu surgir d'improviso do seio das aguas um vulto branco, vaporoso, e ligeiro como uma nuvem, que passou rapidamente por diante d'elle, e rapido desapareceu.

No meio da sua extrema perturbação, Hanz tomou aquella vulto por uma d'essas divindades, que habitam no centro dos florestas virgens, ou no seio das aguas em palacios de cristal; tal era a delicadeza das formas, e a belleza das feições, que ainda pudera descobrir n'um relancear d'olhos, do tes que não podiam pertencer, certamente, a uma simples mortal.

Tornando a si do seu pismo e sobresalto, olhou ancioso para todos os lados, julgando poder ainda vê-la, mas debalde a procurou; tinha desaparecido, e nem sequer descobriu a direcção, que tomara.

Regressou para casa, pensativo e triste. Não quiz trabalhar no resto do dia; fugia da sociedade; evitava até a conversação com seu carinhoso pae. Veio toda a noite, ou para dizer melhor foi para elle um continuo sonho de acordado, em que se lhe representava a mesma visão, a *donzella das Aguas Negras*, cada vez mais aerea e formosa.

A noite parecia que não tinha fim para o namorado mancebo, que se aborava pela vez primeira no fogo do amor, e que por sua desdita amava um ser phantastico, ou sobre humano, um enigma que nem sabia decifrar.

Rompeu enfim a aurora, e Hanz, possuido da mais viva impaciente, nem esperou, que o sol assumisse no horizonte para correr para as Aguas Negras. D'esta vez appareceu-lhe o vulto vaporoso, sem que fugisse tão veloz; antes, como querendo mostrar-se, foi tomando pouco a pouco as formas seductoras d'uma gentil donzella. Depois fixou no mancebo seus lindos olhos com a mais doce expressão de ternura; e logo, sem mais esperar, desapareceu por entre as arvores como a corça acossada da matilha.

Hanz ficou immovel e absorto. Sentiu então um singular turpor apossar-se-lhe de todo o corpo. Quiz seguir a bella fugitiva; forcejou por correr em seu alcance, mas não pôde; os seus pés pareciam presos ao logar em que se achavam. Quiz ao menos segui-la com os olhos; porém veio offuscar-lhe a vista uma densa nuvem. A razão e os sentidos, tudo lhe caiu em lethargo.

Quando tornou a si, achou-se estendido sobre a relva, junto à beira do rio, e de baixo do verde-negro docel, que ali formavam, entrelaçando-se, corpulentos sobreiros e carvalhos seculares. Em vão perguntou á sua memoria por que lado fóra a donzella. Apenas se recordava de a ter visto, e por seu mal, tão formosa e seductora, que o coração, alma, e sentidos, tudo captivo lhe ficara.

Na madrugada seguinte foi o joven irlandez esperar junto do rio, que o sol restituísse á natureza o brilho, e animação das suas galas, de que as trevas invejosas a tinham despojado. Ao aproximar-se do rio, pulsava-lhe o coração cada vez mais apressado, ora vivamente excitado por uma sensação de prazer, ora fortemente impellido por uma idea de terror.

N'esta violenta alternativa, umas vezes corria como louco de um para outro lado, outras parava d'improviso como sobresaltado. Agora parecia-lhe que um fogo devorador lhe abrasava o peito. Pouco depois sentia correr-lhe pelo rosto um suor frio, e seus membros tremiam n'uma terrivel convulsão. Assim agitado lançou-se ao rio, como buscando remedio para o seu mal. E com effeito a frescura das aguas, e a suavidade das brisas, sob um ceo tão puro, acalmaram pouco a pouco a sua agitação.

Cobrando animo e coragem, fez protesto de ir em alcance da mysteriosa virgem, se tornasse a apparecer-lhe, e de tentar esforços desesperados até conseguir detel-a, e saber quem era, e porque assim lhe fugia esquivado.

Ainda bem não tinha acabado de combinar estas ideas, um ligeiro ruído lhe fez voltar a cabeça para um annoso carvalho, que da proxima margem se debruçava sobre elle. Era a virgem dos bosques, a divindade d'aquelle rio, o doce objecto dos seus sonhos, o seu pensamento de todas as horas.

O enlevado moço viu a mão da donzella, tão branca como a neve, afastar mansamente a folhagem do carvalho, e pouco depois mostrar seu airoso corpo, apenas envolto em alvas e transparentes roupas, que os zephyros faziam fluctuar.

Avançando com passo tímido, ora applicava o ouvido, ora lançava em torno de si olhos prescudadores, como quem receia encontrar importunas vistas. No momento, porém, em que, descobrindo o joven Hanz, fitava n'elle os olhos ebrios d'amor, o mancebo, tendo feito em vão um violento esforço para modificar a sua emoção, e esperar que a donzella se aproximasse mais do rio, salta fora da agua, e corre para ella com a rapidez de um raio.

A virgem deu um grito agudissimo, e deitou a fugir com quanta força tinha. Porém nem o grito da bella fugitiva, nem a sua ligeireza esfriavam o ardor com que o mancebo a perseguia; antes pelo contrario o augmentavam, e tanto, que era elle quem reconhecidamente ia ganhando terreno na carreira.

Não mostrava a donzella menos ardor na fuga; e quem a visse assim empregar tamanho esforço na carreira, por caminhos escabrosos e quasi impraticaveis, sem lhe importar as quebras do terreno, nem os espinhos dos matos, nem os troncos das arvores, que a cada passo se cruzavam como para impedir a passagem; quem a visse assim affrontar tantos perigos para escapar ao seu perseguidor, diria que a sua vida dependia da velocidade com que fugia.

Mas eis que se levantam diante de seus passos altos e escarpados rochedos. Todavia não desanima; propõe-se a transpor-os. Segura-se a um penhasco mais saliente; firma seu pequenino pé na fenda de outro, e vae para subir; mas n'isto escorrega, tenta agarrar-se a umas plantas, que saiam d'entre as junturas das rochas, e não podendo sustentar-se cae... cae nos braços do ditoso mancebo.

Continua.

I. DE VILHENA BARBOSA.

#### Noticias biographicas dos personagens da actual guerra d'Italia.

O general barão de Hess, que foi o segundo commandante em chefe do exercito austriaco de operações na Italia, em substituição do marechal Giulay, nasceu em Vienna em 1788. Tinha dezeseite annos quando começou a sua carreira militar. A sua intelligencia e bons serviços não tardaram a fazelo distinguir. Em pouco tempo foi nomeado official de estado-maior. N'esta qualidade tomou parte nas campanhas de 1805, 1809, 1813, 1814 e 1815.

A sua valentia na batalha de Waterloo valeu-lhe o posto de capitão, e em 1813 acompanhou o general Bubina na famosa missão a Dresda. Continuou ás ordens d'este mesmo general na batalha de Leipzig, e em 1814 nas de Genebra e Lyon. Em 1815 entrou no estado-maior general, e pela primeira vez se viu em posição de poder seguir os planos de operação dos grandes exercitos. No fim da guerra do imperio francez tinha vinte e sete annos, o posto de major, e quatro condecorações.

Tenente coronel em 1822, coronel em 1829, estava em 1830 collocado á frente do estado-maior do corpo de exercito movel, operando na alta Italia. Este importante emprego naturalmente o poz em contacto com o general Radetzki, cuja plena confiança em breve alcançou, e cujas idéas e planos soube immediatamente comprehender e executar com rara intelligencia.

O general Hess pertence, como pertencia o general Radetzki, a essa classe de espiritos fortes que podem prescindir do commando, mas que depois de o acceptarem pretendem exercel-o livremente. Sabido é como, ha ainda pouco tempo, este velho amigo de Radetzki caiu no desagrado do moço imperador por não ter querido approvar os planos de invasão de Turim, e de aggressão desesperada, cuja execução não teria feito senão apressar a perda do seu exercito.

Em 1834 Hess foi promovido ao posto de general de brigada de infantaria, e depois de ter durante muito tempo servido n'esta qualidade á frente do estado-maior, recebeu em 1842 o posto de tenente feld-marechal. Os acontecimentos de 1848

iam fazer de Hess commandante superior da guarda nacional, quando Radetzki o chamou para junto de si na Italia.

Hess, quando chegou á Italia, encontrou o exercito austriaco bastante desorganizado, e retirado por traz do Adige. Na força unicamente de trinta mil homens, e ameaçado por tres lados pelo inimigo, acampava no meio do famoso quadrilatero de Peschiera, Verona, Mantua e Legnano. Quando, porém, a 25 de Maio a primeira reserva, composta de perto de dezenove mil homens, chegou de Isongo commandada pelo conde de Thurn, Radetzki dispoz-se a pôr em execução os planos longamente meditados do seu novo quartel-mestre general.

Sabido é que depois da batalha de Custoza se negociou um armistício, e foi o barão de Hess o encarregado de o assignar. Sete mezes mais tarde, a 16 de Março de 1849, tendo de novo começado as hostilidades, foi ainda Hess o encarregado de attender á situação. O general tinha guardado para si o seu plano de campanha desde muito tempo estudado, e do qual fez mysterio até ao momento da execução. Depois da batalha de Novara, Radetzki, longe de procurar apropriar-se da parte que este official general podia ter no resultado propicio d'esta campanha, teve pelo contrario o cuidado de ter elle o proprio a consignar os seus assignalados serviços. Eis o que se lê no relatório official do marechal sobre a segunda campanha de Italia: «Entre os companheiros fieis que auxiliaram cada um de meus passos, citarei em primeiro logar, e antes de todos, o meu quartel-mestre general, o tenente feld-marechal Hess. A elle, e a qui lhe dou este testemunho do fundo do meu coração, pertence a maior parte das vantagens obtidas na ultima campanha pelos exercitos do imperador. Prompto em comprehender a situação n'um relancear de olhos infallível, habil em lançar mão da occasião, em aproveitar as menores vantagens, de um olhar sempre fixo sobre o resultado, tinha-o eu investido de toda a minha confiança. O exercito sabia-o.»

Deve juntar-se a estas palavras e bilhete escripto pelo marechal á baroneza Hess uma hora depois da batalha: «Batemos o inimigo em Novara, e se a gloria d'este dia me é dada, a vosso marido, senhora, pertence todo o merito.»

Em 1855, por occasião da guerra do Oriente, o general Hess recebeu o commando superior dos exercitos de observação.

O general Hess passa hoje pela primeira capacidade militar do seu paiz. É um velho de baixa estatura, muito magro, mas vigoroso, de cabellos outr'ora loiros, mui reservado nas suas fallas, não gostando de conversar senão em assumptos serios. Casado desde 1841 com a baroneza Diller, por toda a parte se apregoam as suas virtudes domesticas, os seus costumes sobrios e graves. Quem o vê apenas lhe computará sessenta annos.

Hoje o barão Henrique de Hess é tenente feld-marechal, quartel-mestre general, proprietario do regimento de infantaria n.º 49, e conselheiro do imperio.

Francisco Schlick, general austriaco, que commanda o primeiro corpo do exercito, nasceu em Praga, em 1790. Na batalha de Wagram, da campanha de 1813, e quando servia como official de lanceiros, perdeu um olho. Ao rebenhar a revolução de 1848 em Vienna, era já tenente general. Na guerra da Hungria, commandou quarenta mil homens, e oppoz-se á reunião de Dembisky e Georgey, dando assim tempo aos russos de tomarem vantajosas posições. Esta campanha teve feliz resultado pela sua estrategia e talento militar. Confessava ha annos o generalissimo dos exercitos húngaros, Georgey, depois de se ter rendido aos russos, que Schlick valera nos ultimos mezes da campanha á Austria mais que todas as passadas acções e combates. O conde de Schlick commandava o exercito da Galitzia em força de oitenta e cinco mil homens.

Entrou no serviço militar em 1808, e na batalha de Arpern em 1809 era tenente de lanceiros, sob o commando de Hubner.

É um dos melhores generaes de cavallaria da Austria. Traz continuamente uma venda preta so-

bre o olho esquerdo, em consequencia da perda do olho na batalha de Wagram.

General Espinasse. Testemunha ocular refere da seguinte maneira a morte d'este valente general francez na batalha de Magenta.

«Os austriacos estavam fortemente intrincheirados em uma aldeia. Cada casa convertera-se n'uma cidadella, que era preciso sitiá, para ser tomada. O general não descansava um momento; apeia-se, põe-se á testa da sua columna do centro, para despojar o inimigo dos seus ultimos intrincheiramentos, d'onde se defendiam como desesperados. Muitas casas tinham sido tomadas d'assalto, e no momento em que o general dirigia suas tropas ao ataque d'uma d'ellas, recebeu uma bala que lhe atravessou o corpo de lado a lado. Deu um grito profundo, lançou ao ar o seu sabre, e morreu instantaneamente.

O seu ajudante d'ordens, o tenente Froidefond, correu immediatamente a socorrer-o; porém ferido por sua vez, e tambem de bala, caiu morto sobre o corpo do seu general.»

Espinasse era coronel em 2 de Dezembro, e tomou com o seu regimento uma parte mui principal no golpe d'estado.

Quando os representantes, illudindo a vigilancia das sentinellas encarregadas de impedir-lhes que se dirigissem ao palacio Bourbon, estavam deliberando como haviam executar o pensamento de pôr fora da lei o presidente da republica, o coronel Espinasse entrou na sala das sessões com um batalhão, e apesar das apostrophes, e appellações á constituição, desalojou n'um abrir e fechar de olhos aquelles oradores infatigáveis do logar das deliberações. Espinasse ganhou desde esse dia muito terreno no animo do imperador, que o enviou ao principiar a guerra do Oriente, a organizar o desembarque das tropas francezas na Turquia, e a preparar a expedição da Criméa. Nomeado depois de 14 de Janeiro (catastrophe da machina Orsini) ministro do interior, substituindo mr. Billaud, o general Espinasse se conduziu n'aquelle departamento importante da administração, como um verdadeiro militar. Ajudante do imperador, foi honrado com o commando de uma divisão ao formar-se o exercito de Italia. Pereceu na primeira acção em que tomou parte.

#### As ruínas.

(MEDITAÇÃO)

I

Quem ha que ao descair de uma tarde serena, quando o sol prestes a occultar-se no seio das vagas do oceano illumina pallida e tibiamente os vertices das montanhas; quando empoleirado nos ramos do freixo e do til o rouxinol preludia um cantico, qual saudosa e terna despedida de um dia mais, que as garras do tempo empolgam para os antros do passado; quem ha que n'essa hora tão vaga e mysteriosa, tão repassada de saudade e de harmonia, embrenhado no seio de magestosas e vestustas ruínas, sentado sobre carcomido e truncado fragmento de rota columna, não haja experimentado, por uma vez que seja, as agradaveis sensações que taes logares fornecem ao espirito, impressionado pela melancolia suave e grata, que o aspecto magestoso da vetustez derrama n'alma attonita e fascinada?

O aspecto grave e severo, senão sinistro e lugubre da caducidade, infunde respeito e veneração, ainda nos animos mais levianos e avessos á poesia.

Quem não é accommettido de admiração e respeito, ao contemplar o vulto grave e cadaverico do ancião acurvado pelo peso dos annos, e em cuja frente quasi nua alvejam as raras cãs, e que, mal podendo equilibrar-se, lá vae arrastando-se a tremulo passo pela sinuosa estrada da existencia, da qual para chegar ao termo já poucos passos lhe distam?

E' que no caso do ancião estão as ruínas: aquelle ha visto afundirem-se nos seios da eternidade annos sobre annos; nascer, medrar, e porfim acabarem duas ou tres gerações, e, testemunha impas-

sivel do que se ha passado durante o decurso d'esses annos, e o perpassar d'essas gerações, representa a chronica viva, senão de um seculo, muitas vezes, ao menos, de um punhado de lustros, que a mão do tempo tem desenrolado na sua existencia.

As ruínas são a historia muda dos tempos que as hão visto de pé.

Esqueletos mirrados muitas vezes de um vulto giganteo, obra da vaidade humana, ou legado de uma civilisação de outras epochas; as ruínas servem para attestar, qual documento vivo, a prosperidade d'eras que já lá vão, e que passariam despercebidas ao homem se não visse n'ellas o testemunho autentico da sua existencia.

Vagos phantasmas de magestades já extinctas, são outros tantos marcos dispersos na arena do passado que assignalam aos vindoiros a passagem pelo mundo de gerações remotas, cuja historia encerram.

Nada ha que forneça tantas meditações ao espirito como a presença d'esses colossos, tumulos de seculos e seculos, demolidos pela acção do tempo, quando não pelo vendaval das revoluções, desencadeado do mar das paixões politicas, que tantas vezes tem rugido pavoroso por sobre a humanidade.

II

O crepusculo desce derramando sobre tudo suas vagas e phantasticas cores. Cerradas são quasi as cortinas do horizonte, e não tarda que a noite involta em seu manto de estrellas venha povoar de mysterios e vapores estas vastas solidões.

Geme o vento nas erriçadas penedias da montanha; e na cadaca alameda que lhe cinge as abas passa vagarosa susurrando a viração da tarde.

Continua.

H. V. D.

#### O judeu errante.

(LENDAS)

Imitada da lenda alemã de Schubart.

I

D'uma caverna escura e tenebrosa Fendida nas gargantas do Carmello Sae As'hwero. Já quasi vinte sec'los Do tempo nos abysmos hão caído; Já quasi dois mil annos são fundidos No passado, depois que o dessocego, E o remorso, o repouso lhe roubaram; Depois que, solitario e vagabundo, De terra em terra o universo corre!

II

Quando o Christo vergado sob o peso Do lenho que remiu a humanidade, Aos insultos das turbas indefeso D'As'hwero supplicou a piedade, E lhe disse: — deixae-me por momentos Aqui, á vossa porta repouisar; Aos meus duros tormentos Um triste allivio dar; Em vez da compaixão, da caridade, Balsamo que mitiga d'alma as dores, Só ameaças, blasphemias, crus rigores Nos labios do algoz pôde encontrar!

Vae! caminha! caminha!

Irado brada As'hwero:

E da tripeça erguendo-se hirtio e fero, A palavra juntando vil ameaça Do esfarrapado alvergue o Christo expulsa. Humilde soffre o Martyr a repulsa: A cruz toma outra vez, a cruz abraça; E exausto, moribundo, involto em sangue, Inerte, e quasi exangue, Mal podendo suster a vida escassa Que inda lhe arde no peito lacerado,

C'um gesto contristado

Da morada d'As'hwero então se afasta, E p'ros cumes do Golgotha caminha!

A repulsa do barbaro, nefasta, No meio da sua dôr intensa e vasta Impassivel e sereno o Deus ficou. Um gemido de seus labios, uma queixa, Como stygma a tão vil despedade, Nenhum de seus algozes escutou!

III

Vacilla o impio, de pavor transido, E sem alento sobre o chão baqueia; N'alma a vida se lhe coalha e gela; Mudo, attonito, respira apenas!

Da morte um anjo pelo Deus mandado Á terra baixa, e n'este tom lhe clama: «Negaste As'hwero o repouso ao filho Do Omnipotente, ao Redemptor do mundo, Quando pungido por atroz tormento, Cruéis supplicios, t'o implorou em rogos; Á dôr negaste consolação, allivio, Cravando mais de teu irmão no seio O agudo espinho de soffrer acerbo: De Deus a ira sobre a fronte tua Suspensa está! Caminharás no mundo Sempre, sempre! té ao fim dos sec'los! Um genio lugubre, do inferno solto De terra em terra seguirá teu trilho! E quando As'hwero os teus membros lassos Ao chão pedirem o repouso amigo, E a vida prestes a deixar-te seja; A mão do anjo foragido ás trévas O gladio em fogo maneando iroso Virá lembrar-te que parar não podes! Com voz terrivel dir-t'ha — caminha! Verás eterna esta sentença escripta No ceo, na terra, onde o olhar fitares! E a paz dos mortos, o repouso amigo Que as dôres finda que acarreta a vida; O somno eterno que no sepulchro dormem O justo, o reprobado, o plebeu, o nobre Ser-t'ha negado té que á terra desça Do Ser Supremo outra vez o filho!»

IV

Eil-o! Lá vem descendo a tardo passo Dos solitarios cumes do Carmello;

O olhar turvado e baço Cravando no horizonte até perdê-lo Na immensa vastidão do ermo espaço!

Severo o rosto, a barba denegrada Na dextra d'esqueleto, descarnada Sustenta comprimida Negra e suja caveira esfarrapada Pelo pó das edades carcomida!

Parou! hirtos os membros resequidos; Do pico mais erguido da montanha, Olhares incendidos P'la ira, o cráneo lugubre despenha De colera soltando dois rugidos!

— Era meu pae! murmura contristado Isac, mais sete cráneos levantando Que aos abysmos arroja com um brado De raiva e de furor, que resoando Foi nos eccos do monte amaldiçoado!

— E estes de quem são? — Minhas esposas! Mais sete cráneos ainda vão caindo Nas covas do Carmello tenebrosas; — E estes? clama As'hwero trazundo N'um sorriso as angustias dolorosas,

Que o peito lhe torturam e laceram. — Eram meus filhos! — Todos do Eterno A morte, a doce morte receberam; Dormem todos! Eu só, do negro inferno Da vida, as negras penas me couberam! Continua.

H. VAN-DEITERS